



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA TRANSGRESSÃO DO FEMININO EM *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*

Caio Gomes Ribeiro¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é investigar como se configura o posicionamento axiológico relacionado à transgressão do feminino no filme *Alice no País das Maravilhas*. Para a concretização da pesquisa, utilizaremos primeiramente as reflexões de Bakhtin que versam sobre as relações dialógicas, a ideologia e o ato responsável, em um segundo momento será feita uma reflexão sobre o feminino e posteriormente a análise em questão. Essas reflexões serão aplicadas em dois sujeitos presentes no filme, que configuram parcialmente a transgressão do feminino a que o filme faz referência, isto é, os sujeitos Alice e Absolem; para que se possa confirmar como as relações dialógicas travadas entre esses personagens se tornam fatores essenciais à constituição de Alice enquanto transgressora com relação à axiologia da mulher no século XIX.

Palavras-chave: Alice no País das Maravilhas; ato responsável; feminino.

Abstract: This paper aims at investigating in what ways the axiological positioning is configured in relation to the transgression of the feminine in the movie *Alice in Wonderland*, directed by Tim Burton in 2010. In order to fulfill this research, we will firstly use Bakhtin's reflections about the dialogic relations, ideology and responsible act. Secondly, the feminine will be examined, and finally, the proposed analysis. These reflections will be applied to two subjects of the movie Alice and Absolem, who partially configure the transgression of the feminine referred in the movie. So, in this way, it can be confirmed how the dialogic relations established among these characters become essential factors to the constitution of the subject Alice as a transgressor when related to the axiological positioning of the 19th century woman.

Keywords: Alice no País das Maravilhas; responsible act; feminine.

Considerações Iniciais

Com a criação de Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, em 1865, sua obra alcançou uma repercussão mundial e várias releituras foram feitas como o filme dirigido por Tim Burton em 2010 e que configura o corpus deste trabalho. Na obra original, de Carroll, Alice é apresentada como uma garota que movida por seus questionamentos e curiosidade,

¹ Licenciado em Letras pela Universidade de Franca e Mestrando em Linguística pela Universidade de Franca (Bolsista PROSUP - CAPES)



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

entra no País das Maravilhas, e por lá vive as mais diversas aventuras, convivendo dialogicamente com diferentes sujeitos que podem, de certa forma, equiparar-se ao “Mundo Real”, tudo isso é possível por meio de seus sonhos. Já o filme de Burton, apresenta uma releitura da obra de Carroll, pois ao analisar seu conteúdo temático, temos a apresentação de Alice enquanto uma mulher adulta e próxima ao casamento, com uma ideologia já pré-concebida sobre os costumes que eram impostos às mulheres de seu tempo.

Ao assistir ao filme *Alice no País das Maravilhas*, o que mais nos intrigou foi o fato de como o sujeito Alice se constitui dialogicamente como transgressor com relação às questões ditas como feministas, por meio das relações dialógicas instauradas entre ela e os sujeitos que vivem pelo cronotopo do País das Maravilhas; essas mesmas relações dialógicas fazem com que Alice possa confirmar sua ideologia e tomar para si um posicionamento axiológico que seja coerente com aquilo que ela já acreditava. Sendo assim, o principal objetivo deste trabalho é analisar por meio das reflexões bakhtinianas que versam sobre as relações dialógicas, o ato responsável e a ideologia, como a passagem pelo País das Maravilhas constitui uma nova Alice e a reafirma enquanto um sujeito transgressor com relação às ideologias que vigoravam sobre a mulher do século XIX.

Para que a análise seja possível, debruçaremos sobre as reflexões de Mikhail Bakhtin que versam sobre as relações dialógicas, o ato responsável e a ideologia; além de abarcar algumas considerações de Paglia (1994) e Kollontai (1977) sobre estudos sociológicos voltados ao feminismo e ao seu contexto sócio-histórico. Utilizaremos estas reflexões enfatizando as relações dialógicas entre Alice e Absolem, a Lagarta, pois este possui um papel fundamental na constituição de Alice enquanto um sujeito transgressor. Essa análise se embasará nos enunciados transcritos do filme, que foram selecionados de forma a mostrar como as relações dialógicas travadas entre esses dois sujeitos auxiliam no posicionamento axiológico de Alice após sua saída do País das Maravilhas.

Reflexões bakhtinianas

Antes de iniciar as ilustrações das reflexões bakhtinianas abarcadas aqui, faz-se necessária apenas a explicação de que todo o arcabouço teórico que usaremos neste trabalho é o embasamento dos pensamentos de Bakhtin e estão comprometidos não somente com uma tendência linguística, mas com uma visão de mundo, na busca de como se constitui o sentido,



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

por isso seus conceitos privilegiam não somente os estudos da linguagem, mas também a filosofia, a teoria literária e vários outros conjuntos de correntes de pensamentos e teorias em que se inserem uma determinada esfera de atividade humana.

Assim sendo, para que a análise seja elaborada, julgamos como fundamental fazer uma breve delimitação teórica sobre os pensamentos bakhtinianos que versam sobre as relações dialógicas, o ato responsável e ideologia, propostos por Bakhtin, pois esses são conceitos fomentadores das reflexões desse intelectual russo.

O diálogo para Bakhtin constitui uma das formas mais privilegiadas da interação verbal, mas temos que considerar esta palavra em um sentido mais amplo, ou seja, não nos limitarmos inicialmente à esfera do diálogo face a face e sim em quais são os imbricamentos que acontecem no interior de uma interação verbal entre sujeitos. Nas palavras de Faraco (2009, p. 61) temos a explicação de que “[...] o Círculo de Bakhtin se ocupa não com o diálogo em si, mas com o que ocorre nele, isto é, com o complexo de forças que nele atua e condiciona a forma e as significações do que é dito ali.”. Sendo assim não se torna difícil acompanhar a ampliação desse conceito para os estudos da linguagem e para a sua recorrência por meio das relações dialógicas instauradas na interação verbal, pois a compreensão de qualquer enunciado é feita a partir de uma relação, de uma alternância de vozes.

Ainda sobre as considerações de Faraco, é possível estabelecer que:

Para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material linguístico (ou de qualquer outra materialidade semiótica) tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, tenha fixado a posição de um sujeito social. Só assim é possível responder [...] isto é, fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa à palavra do outro, conformá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la. (FARACO, 2009, p.66)

Dessa forma, fica claro que as reflexões sobre as relações dialógicas a postulam como uma marca inerente à linguagem, onde uma voz sobrepõe a outra, ou seja, é um conceito entendido como a presença e entrecruzamento de discursos, de vozes sociais, políticas, culturais que constituem um sujeito e configuram, dessa forma, sua ideologia, essas vozes são sempre repetidas por outros, a fim de firmar esses mesmos enunciados e obter, a partir daí uma atitude responsiva dos sujeitos em interação.

Segundo Bakhtin:



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objeto e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica. (BAKHTIN, 2011a, p.323)

Embasado nas reflexões de Bakhtin, torna-se evidente que as relações dialógicas são tomadas como relações de sentido que são estabelecidas por meio dos enunciados, tomando como ponto de referência a interação verbal entre os sujeitos e não somente o diálogo face a face.

A esse respeito temos a definição de Marchezan que reitera o fato de que:

A palavra diálogo é bem entendida no contexto bakhtiniano, como reação do eu ao outro, como “reação da palavra à palavra de outrem”, como ponto de tensão entre eu e o outro, entre círculo de valores, entre formas sociais. A essa perspectiva, interessa não a palavra passiva e solitária, mas a palavra na atuação complexa e heterogênea dos sujeitos sociais, vinculada a situações, a falas passadas e antecipadas. (MARCHEZAN, 2014, p.123)

A partir das explanações feitas acima, o que se pode concluir é que todo diálogo sempre recai em uma relação dialógica e esses estarão sempre envolvidos em uma dada circunstância, em um determinado momento social, a partir da interação entre sujeitos, a partir de axiologias diferentes ou iguais que são incorporadas por meio de relações dialógicas.

É a partir desses lugares sociais, que o sujeito, inserido nessas múltiplas relações de interação socioideológica, vai se constituindo discursivamente e assimilando vozes sociais, é nesse sentido que a partir das reflexões bakhtinianas pode-se afirmar que os sujeitos não utilizam as palavras que estão impostas pelos dicionários, mas sim dos lábios de outros sujeitos, afirmando assim a heterogeneidade discursiva da própria linguagem e o fato de que não há um discurso novo e único.

Sobre esse assunto, Bakhtin afirma que:

A forma do vivenciamento concreto do indivíduo real é a correlação entre as categorias imagéticas do *eu* e do *outro*; e essa forma do eu, na qual vivencio só a mim, difere radicalmente da forma do *outro*, na qual vivencio todos os outros indivíduos sem exceção. (BAKHTIN, 2011b, p. 35)



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Como nos explica Bakhtin no excerto acima, a relação entre o *eu* e o *outro* e a relação axiológica desses sujeitos em interação são os conceitos basilares de todas as reflexões do pensador russo através da linguagem, pois segundo o seu pensamento viver significa tomar para si uma posição axiológica, significa posicionar-se com relação a valores impostos pela vida e pelo próprio homem, portanto vivemos e agimos em um mundo que é saturado de valores.

Uma outra reflexão que se faz necessária aqui são as considerações de Bakhtin acerca da ideologia e sua constituição, fator este que é evidenciado pelo Círculo de Bakhtin como primordial para os estudos linguísticos e para a constituição das relações dialógicas. Bakhtin/Voloshinov (1981) demonstra que todo enunciado é sempre ideológico, uma vez que sua realização se dá no interior de atividades humanas e sempre expressa uma posição de valor. De forma mais clara temos uma explicação de Bakhtin/Voloshinov que nos leva a pensar que:

A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de contensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1981, p.37-38)

A partir dessas reflexões, podemos entender que as reflexões bakhtinianas sobre a ideologia se mostra, segundo Miotello (2013, p. 171) “[...] como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens. Ao mesmo tempo, esse ponto de vista também manifesta sua compreensão diversa da exercida pela ideologia dominante.”. Assim podemos compreender que um eu individual é constituído por um outro que é social, uma vez que os valores impregnados na formação ideológica de um determinado contexto social se iniciam por meio de relação estabelecidas entre sujeitos e é garantido um posicionamento axiológico do homem com relação ao mundo em que se vive.

Sobre o pensamento bakhtiniano acerca de ato responsável, o que se torna essencial para esse assunto não diz respeito à expressão do conteúdo de um determinado ato, mas sim aquilo que é tomado como real, o reconhecimento decisivo daquilo que aconteceu, pois é a partir disso que se originam as reflexões sobre o tema do ato responsável. Em outras palavras



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

um ato é produzido através de uma ação concreta, ou seja, uma ação que é introduzida no mundo real, algo intencional e praticado por algum sujeito também situado nesse mundo e, a partir daí, pode-se destacar o caráter responsável do agente.

A esse respeito Bakhtin reitera que:

O ato – considerado não a partir de seu conteúdo, mas na sua própria realização – de algum modo conhece, de algum modo possui o existir unitário e singular da vida; orienta-se por ele e o considera em sua completude – seja no seu aspecto contedístico, seja na sua real facticidade singular; do interior, o ato não vê somente um contexto único, mas também o único contexto concreto, o contexto último, com o qual se relaciona tanto o *seu sentido* assim como o *seu fato*, em que procura realizar responsabilmente a verdade única, seja do fato seja do sentido, na sua unidade concreta. (BAKHTIN, 2010, p.80)

Sendo assim, o que podemos perceber é que a responsabilidade envolve tanto o conteúdo do ato quanto o seu processo e unindo esses dois aspectos, a valoração do sujeito que age com relação ao seu próprio ato, vinculado ao fator de sua participação; somente a partir daí é que se pode depreender que um sujeito enquanto dialógico não possui alibi em sua existência já que automaticamente sempre produz respostas aos discursos e a situações em que vive dialogicamente.

São por esses fatores que podemos afirmar que a compreensão não é apenas uma experiência psíquica das ações de outros sujeitos, mas sim uma atividade dialógica que diante de uma determinada situação gera uma réplica, uma resposta. Compreender não pode ser apenas um ato passivo ou um mero reconhecimento do objeto linguístico, mas uma réplica ativa, uma tomada de posição diante do outro.

Para que esse conceito fique ainda mais claro temos a afirmação de Sobral:

O ato-feito tem tal importância em sua filosofia que ele define a vida como um evento uniorrente (porque há apenas uma vida no mundo humano) de realização ininterrupta de atos-feitos: os atos e experiências que vivo são momentos constituintes de minha vida, que é assim uma sucessão ininterrupta de atos. (SOBRAL, 2013, p.121)

O que pode ser percebido a partir da citação acima é que as experiências vividas no mundo humano sempre são mediadas por um agir avaliativo de um determinado sujeito, que lhe atribui sentido a partir de sua própria ideologia e do ato a ser avaliado, ou seja, do mundo



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

dado como uma materialidade concreta. Como é visível na obra de Bakhtin que trata sobre a filosofia do ato, não se trata de uma relatividade axiológica, mas sim do fato do que é valorizado pelos sujeitos em interação numa determinada esfera de comunicação.

Sendo assim, a proposta bakhtiniana não é a de considerar os sujeitos como manipulados por relações sociais, mas sim trazer para esses mesmos sujeitos um fator agente, para tornar-se um organizador de discursos, alguém que seja dotado de um excedente de visão com relação ao outro e possa mostrar a ele uma atitude responsiva para que possa ser responsável ao outro.

A partir dessas reflexões bakhtinianas, procuramos dar um aporte teórico para a análise que segue, sendo assim agora partiremos para uma contextualização com relação à mulher social para que consigamos mais a frente dar procedência à análise teórica utilizando-nos dos conceitos elencados acima.

Reflexões sobre o feminismo: do passado ao presente

Julgamos importante elaborar esta reflexão para que se tenha um entendimento maior sobre a ideia de transgressão do feminino no filme *Alice no País das Maravilhas*, que constitui o *corpus* deste trabalho. Para isso nos utilizamos de suporte teórico nos estudos sociológicos de Kollontai (1977) e Paglia (1994), autoras que estudaram com afinco a história da mulher em suas obras.

Kollontai (1977) em seus estudos demonstra que o direito à igualdade de gêneros é uma luta atual das mulheres, também denominado como feminismo; esse movimento possui seu marco inicial em meados do século XIX a partir da Revolução Industrial, onde já se podem encontrar registros sobre o aparecimento de temas dedicados à denúncia de opressão à mulher e se estende mais diretamente no século XX com o aparecimento dos escritos feministas de Simone de Beauvoir em seus ensaios e poemas. Porém o que nos interessa aqui é elucidar uma pequena reflexão acerca de fatos que mostram a cronologia da luta das mulheres por seus direitos de igualdade com relação aos homens para que depois se possa fazer uma relação desse pensamento com o objetivo geral dessa pesquisa.

Pensando nisso, pode-se afirmar que a relação de hierarquia social com relação aos gêneros feminino e masculino traz consigo marcas históricas e sociais em que o homem sempre ocupou uma posição superior a da mulher, isso por conta da Criação de Código Civil,



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

propostos em países como Inglaterra, França e Espanha, códigos estes que designavam ao homem um poder de comando às suas mulheres, quanto a direitos sociais e políticos.

Com isso, para se instaurar no mundo e se afirmar enquanto mulher, as mulheres se submeteram às exigências que são opostas ao seu próprio mundo, ou seja, elas sacrificaram parcialmente sua ideologia e qualidades ditas como femininas, par tentarem se inserir na sociedade e não infringir as leis que eram regidas em uma sociedade patriarcal, ou seja, regida totalmente pelos homens.

A luta por essa “libertação” da mulher constitui o núcleo da doutrina ideológica do movimento feminista, que se baseia na denúncia sobre a opressão que atinge a todas as mulheres pertencentes a diversos ramos culturais e sociais; e na ideia de que essa opressão persiste apesar da busca pela conquista da igualdade de direitos. Desse modo, o movimento feminista atua com base em uma perspectiva de superação dessas relações de conflito entre os gêneros recusando, assim, a noção de “inferioridade” ou uma possível “desigualdade”.

Bakhtin e o País das Maravilhas

Alice no País das Maravilhas é uma obra criada pelo inglês Charles Lutwidge em 1865, sob o pseudônimo de Lewis Carroll; a partir dessa criação, várias releituras foram feitas como a animação dos Estúdios Disney em 1951 e o filme dirigido por Tim Burton em 2010, que representa o *corpus* da presente pesquisa. Nos contos infantis e em muitas outras refacções dessa obra, Alice é apresentada como uma criança, levada para o País das Maravilhas e por meio de sua curiosidade e questionamentos, por lá vive vários momentos e convive com sujeitos dos mais variados tipos; essas relações podem ser comparadas a aprendizados que podem hipoteticamente ser levados para o “Mundo Real”.

Já na última releitura da obra, Tim Burton nos leva a outro cronotopo, ou seja, traz esse sujeito Alice e o insere em um espaço-tempo diferente do convencional. Dessa forma, pode-se afirmar que por meio de seu conteúdo temático o filme traz resquícios da atuação feminina na sociedade atual e a busca por direitos de igualdade; isso nos é mostrado por meio da personagem Alice que se posiciona como transgressora com relação aos valores vigentes do século XX.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Isso pode ser observado em uma das cenas iniciais quando Alice está a caminho de seu casamento e sua mãe a repreende sobre a ausência de certas peças de roupa, querendo dizer que ela não estaria vestida adequadamente:

MÃE: Onde está o seu corpete? Essas meias não são compridas.

ALICE: Sou contra meias compridas.

MÃE: Não está vestida apropriadamente

ALICE: Quem decide o que é apropriado? Se decidissem que o apropriado seria usar um bacalhau na cabeça, a senhora usaria?

MÃE: Alice...

ALICE: Pra mim, o corpete é como um bacalhau.

O que é possível de se observar a partir deste trecho é que mesmo antes de entrar no País das Maravilhas, o sujeito Alice já responde aos costumes vigentes da época em que vivia, ou seja, ela se posiciona axiologicamente contrária aos valores impostos às mulheres do século XX, valores estes que impunham à mulher até uma forma correta para se vestir e se apresentar adequadamente perante à sociedade.

A partir do momento em que o sujeito Alice é incorporado a um novo cronotopo, o País das Maravilhas, ela pensa que aquilo é um sonho, porém com o passar do tempo e o desenrolar de certas situações, ela se vê em uma realidade. Em todo o seu percurso ela entra em conflitos, pois a grande questão a ser descoberta pelos sujeitos em interação é se ela é realmente a “Alice certa”. No País das Maravilhas há um certo choque de ideias, pois ela é tratada por “Alice certa e Alice errada”, pelos sujeitos que já fazem parte daquele espaço:

COELHO BRANCO: Eu disse que ela é a Alice certa.

DORMIDONGA: Ainda não me convenceu.

COELHO BRANCO: É assim que me agradece? Eu fiquei lá em cima por semanas, procurando uma Alice atrás da outra. [...]

FLOR: Não se parece nada com ela.

DORMIDONGA: É porque é a Alice errada

[...]

ALICE: Como eu posso ser a Alice errada, se esse é o meu sonho?

PÁSSARO DODÓ: Temos que consultar o Absolem.

FLOR: Exatamente, Absolem saberá quem ela é.

O que se pode perceber, a partir de análises feitas é que por conta de suas dúvidas sobre saber quem realmente é, o sujeito Alice é tratada como “errada”, por não saber a forma certa de se posicionar axiologicamente frente a valores. Quando o sujeito Alice consegue



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

afirmar-se como transgressora, ela é denominada por todos como “Alice certa”. Após a passagem acima citada, ela é levada até Absolem, uma lagarta que possui o dom do Oráculo, ou seja, consegue saber da profecia que deveria ser cumprida naquele lugar.

Absolem é um dos sujeitos com quem Alice convive dialogicamente no País das Maravilhas, e por meio dessa relação, ele pode ser considerado como um dos principais fomentadores de Alice como um sujeito transgressor, pois a todo momento em que se encontram ele a faz refletir sobre quem ela realmente é. E a partir desses questionamentos a constituição do ato responsivo de Alice com relação aos costumes vinculados à mulher do século XX vêm à tona, ou seja, Alice mostra o seu não-álibi na existência que a cerca. Isso é possível de ser observado desde a primeira interação entre os sujeitos.

Esse momento é crucial, pois a partir do primeiro encontro entre Alice e Absolem, o sujeito Alice se torna ciente da profecia que deverá ser cumprida através do Oráculo do País das Maravilhas, ou seja, quando chegasse o “Glorian Day”, dia previsto pelo Compêndio, Alice deveria estar armada com a Espada Vorpal para que pudesse, dessa forma, matar o Jaguadarte e reconstituir a harmonia no País das Maravilhas:

ABSOLEM: Quem é você?

ALICE: Absolem?

ABSOLEM: Você não é Absolem. Absolem sou eu, a pergunta é quem é você?

ALICE: Alice...

ABSOLEM: É o que veremos...

ALICE: O que quer dizer com isso, eu devo saber muito bem quem eu sou.

ABSOLEM: Sim, você sabe, menina burra.

[...]

Coelho Branco: Desvende isso pra nós, Absolem. Ela é a Alice certa?

ABSOLEM: Nem de perto.

Através dos termos “Alice certa e Alice errada”, o que se pode perceber é que ambos estão relacionados aos costumes e valores destinados às mulheres, pois o sujeito Alice entra no País das Maravilhas como “Alice errada”. É a partir do desenrolar dos fatos e com as relações dialógicas que são instauradas com outros sujeitos que ela vai se constituindo como um sujeito transgressor e dessa forma torna-se a “Alice certa”. Essa evolução fica ainda mais clara no segundo encontro de Alice e Absolem:

ABSOLEM: Quem é você?



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

ALICE: Nós já debatemos sobre isso, eu sou a Alice, mas não a certa.

ABSOLEM: Como sabe?

ALICE: Você mesmo disse isso.

ABSOLEM: Eu disse que nem de longe você era a Alice, mas está bem perto de ser a Alice agora, aliás você é quase a Alice.

ALICE: Mesmo assim, eu não mataria o Jaguadarte, mesmo que seja para salvar a minha vida.

ABSOLEM: Matará, então sugiro que esteja com a Espada Vorpal na mão no Glorian Day.

O que pode ser observado aqui é que no filme há sempre o uso de metáforas instauradas com relação aos ideais femininos, ou seja, o que nos chamou a atenção é que o sujeito Alice precisaria estar munido com as armas certas para lutar e conseguir aquilo que ela gostaria de alcançar, assim sendo, há certa possibilidade de se dizer que Alice representa as mulheres em geral, a Espada Vorpal representa as armas as quais essas mulheres precisam ter em mãos para alcançar os seus direitos e o Jaguadarte, mostrado no filme como um grande e temido dragão, é uma metáfora da sociedade predominante e os costumes e valores que precisam ser vencidos por essas mulheres.

Em uma terceira conversa com Absolem, após Alice já ter passado por diversas situações conflitantes, entre elas o fato de se afirmar realmente enquanto sujeito transgressor, ela realmente confirma como as relações dialógicas entre ela e os outros sujeitos do País das Maravilhas incidiram em sua ideologia e por meio disso, consegue configurar um ato responsivo e saber realmente sobre a sua identidade. Nesse momento do filme ela se encontra com Absolem, que está passando por uma transformação da fase de lagarta para a fase de borboleta:

ABSOLEM: Ninguém jamais conquistou alguma coisa com lágrimas.

ALICE: Absolem? Por que está de cabeça para baixo?

ABSOLEM: Eu cheguei ao fim desta vida.

ALICE: Você vai morrer?

ABSOLEM: Transformar.

ALICE: Não me deixa. Eu preciso da sua ajuda, não sei o que fazer.

ABSOLEM: Não posso ajudar se você nem sabe quem você é, menina burra.

ALICE: Eu não sou burra. Meu nome é Alice, eu vivo em Londres, tenho uma mãe chamada Elie e uma irmã chamada Margareth, meu pai foi Charles Kingslei, ele tinha um projeto de viajar ao redor do mundo e nada jamais o impediu; eu sou filha dele, eu sou Alice Kingslei.

ABSOLEM: Alice? Finalmente... Não era tão inteligente da primeira vez que estive aqui, chamava esse lugar de País das Maravilhas.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Após esse último encontro com Absolem, e a confirmação de sua ideologia, o sujeito Alice traz consigo a atitude responsiva de se tornar Campeão da Rainha Branca e lutar contra o Jaguadarte para que, dessa forma, a justiça seja restabelecida no País das Maravilhas e ela possa se assumir como um sujeito transgressor; pois é a partir desse momento que ela se configura como a “Alice certa”.

No final da batalha, Alice vence o Jaguadarte e consegue a gratidão de todos os habitantes do País das Maravilhas. Quando sai do País das Maravilhas e volta ao “Mundo Real”, ela se vê totalmente constituída ideologicamente como um sujeito transgressor e se mostra dessa forma a todos que estão presentes em seu suposto casamento, respondendo aos conselhos que lhe foram dados naquele dia e deixando clara a posição que ela deveria ocupar enquanto mulher na sociedade em que vivia. Após a sua volta, o sujeito Alice estabelece uma certa relação dos sujeitos do lugar onde vive com os sujeitos do País das Maravilhas:

ALICE: Eu caí num buraco e bati a cabeça... Me desculpe Hamish não posso me casar com você, você não é o homem certo para mim e você tem problemas de digestão... Eu te amo, Margareth, mas a vida é minha e eu decido o que quero fazer... Você tem sorte de ter a minha irmã como esposa Louis, seja bom pra ela, eu vou ficar vigiando você bem de perto. Não existe príncipe, tia Imógene, a senhora tem que procurar um médico pra se tratar... Eu adoro os coelhos, principalmente os brancos... Não se preocupe, mamãe, eu encontrarei algo útil para fazer com a minha vida... Vocês duas me lembram uns meninos engraçados que eu vi num sonho.

É a partir desse momento que Alice consegue agir responsivamente conforme tudo aquilo em que ela acreditava, pois ao sair do País das Maravilhas ela consegue sua independência e se confirma como um sujeito transgressor com relação ao feminino retratado no filme, já que é convidada a ser aprendiz na empresa do homem que seria seu sogro. Isso apenas é possível de ser constatado, pois com o decorrer do filme e de seu conteúdo conseguimos chegar à conclusão de que as relações dialógicas incidem na ideologia do sujeito Alice, trazendo para ele um não-álibi em sua existência, fazendo com que o mesmo forçosamente obtenha atos de resposta e se posicione axiologicamente com relação ao momento em que vive.

Considerações Finais



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Através de todos os conceitos abarcados aqui, o que é posto como considerações finais é que o fato de que a linguagem por si só é dialógica, logo ao se comunicar, o sujeito entra em contato com relações dialógicas; esse dialogismo inerente à linguagem recai sobre a formação ideológica dos sujeitos em interação e como consequência desses fatores, obtém-se o que Bakhtin determina de ato responsivo.

Assim como Alice, que no começo do filme, já possuía aspectos de transgressão, ela precisou, enquanto sujeito, passar pelo País das Maravilhas e conviver dialogicamente com os sujeitos que lá estavam para possivelmente confirmar os ideais que trazia consigo e se firmar axiologicamente perante aos valores impostos para as mulheres do século XX e construir por meio dessas relações dialógicas, o seu próprio ato responsivo.

O que se torna hipoteticamente claro é que os sujeitos que viviam no País das Maravilhas foram peças fundamentais para a construção dessa ideologia. Neste artigo, frisamos apenas em um dos sujeitos com quem Alice se relacionou dialogicamente e o objetivo foi mostrar como a construção de uma ideologia e a configuração de uma responsividade foram obtidas apenas por essa interação, como esses fatores contribuíram para a existência de um não-álibi na existência do sujeito Alice gerando assim seu ato responsivo e como as relações dialógicas estiveram tão presentes nessa transgressão e construção desse sujeito feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALICE no País das Maravilhas. Direção: Tim Burton. Produção: Tim Burton, Joe Roth, Jennifer Todd, Suzanne Todd e Richard D. Zanuck. Walt Disney Studios: Estados Unidos da América. 2010. 109 min. Son, Color. 1 DVD.

BAKHTIN, M.M. O problema do texto na linguística na filologia e em outras ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011a. p. 307-336.

_____. A forma espacial da personagem. In: *Estética da criação verbal*. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011b. p. 21-90.

_____.; VOLOSHINOV, V.N. Estudos das ideologias e filosofia da linguagem. In: BAKHTIN, VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2. ed. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981. p.31-38.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2. ed. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão européia do livro, 1967.

FARACO, C.A. *Linguagem e Diálogo: as ideias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KOLLONTAI, A. *Marxismo e revolução sexual*. Trad. Ana Corbisier. São Paulo: Global Editora, 1977.

MARCHEZAN, R.C. Diálogo. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 115-131.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 167-176.

PAGLIA, C. *Vampes & Vadias*. 2. ed. Trad. Francisco Alves Editora. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1994.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 11-36.